

Artigo de opinião

(Por Lúcio Neto Amado)

“Casa-Museu”

No dealbar da década de 60 do século XX, Ibrahima Kake, disse um dia, que “(...) *um povo sem história é um homem sem memória*”¹.

Esta frase revela, na nossa opinião, a necessidade que todo o ser humano sente em manter viva a sua tradição cultural e identitária, consubstanciada na apropriação da História do seu país.

Essa História revela cronologicamente todo o percurso que um determinado país foi trilhando ao longo da sua existência, independentemente dos avanços e dos recuos, das perdas e dos ganhos que vai, paulatinamente acrescentando década após década, séculos após séculos.

Nós no continente africano, situado no Paralelo ao sul do grande deserto do Saara, convivemos com uma situação mais complicada dada a complexidade e a natureza da forma de transmissão do nosso passado e dos feitos relevantes produzidos pelos nossos antepassados.

No caso de São Tomé e Príncipe podemos citar, aleatoriamente, alguns nomes como o rei Amador (Séc. XVI), o barão de Água Izé (1816-1869), Caetano da Costa Alegre (1864-1890), Viana da Mota (1868-1948), Aires Menezes (1889-1946), Marcelo da Veiga (1892-1976), Almada Negreiros (1893-1970), Sun Yana (1897-1967) Francisco Tenreiro (1921-1963), Zarco (1922-1997), Maria Manuela Margarido (1925-2007), Alda do Espírito Santo (1926-2010), os sobreviventes da tragédia ocorrida em 1953, os fundadores do Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe, entre outros, como fazendo parte desse rico e imenso património histórico.

A transmissão desse passado prende-se com uma *figura* designada de oralidade que nos leva a navegar numa prosa, transmitida desde séculos através dessas verdadeiras enciclopédias humanas que são, os anciãos; os *mais velhos* como defendem os angolanos; *homé garandi* na visão dos guineenses; ou *inem n’guê tamen*, segundo os São-tomenses.

¹ Ibrahima Kake, “L’histoire, une dimension de l’unité” in *Présence Africaine*, nº 49, pág. 76, citado por José Montenegro, «A Negritude – dos Mitos às Realidades», Editora Pax, Braga, 1967.

Para se alterar essa situação pensamos que a escola é fundamental no apontar de um percurso que se pretende venha a atingir a excelência num período de tempo considerado satisfatório.

O acento tónico é posto na falta de registo escrito, pois continua a existir nesta África profunda e misteriosa uma *catrefada* de indivíduos analfabetos; uma *excessiva* carga de iliteracia na carroceria das nossas *camionetas* escolares; um *exagerado* número de analfabetos funcionais, que dificultam de uma forma continuada e sistemática, essa legítima e nobre intenção.

Ainda não criamos, objectivamente mecanismos creíveis que nos possibilitem escrever e reescrever a nossa História.

No nosso país, classificado por alguns, como *Ilhas maravilhosas*, continuamos a ter uma visão curtíssima em relação a políticas culturais direccionadas no sentido literal do termo.

A educação é, na verdade, decisiva, constituindo por si só, o veículo por excelência na mudança significativa de toda essa *embrulhada*.

Os nossos jovens deverão ter acesso aos livros e aos compêndios que os seus pais tiveram e conseguiram manusear desde a antiga Escola de Mato, passando pela Escola Primária, até aos Liceus e Escolas Técnicas.

Alda do Espírito Santo dizia a esse propósito, que “(...) *é preciso haver uma educação que tenha em conta a nossa identidade, que inculque o sentido de cidadania que por sua vez implica o sentido do direito, do dever e da responsabilidade. E sem os professores, sem as escolas, não chegamos lá*”².

A mais que contundente paralisia cultural e de desenvolvimento³ que se faz sentir no arquipélago parece reflectir, aqui e ali, o estado crónico do nosso adormecido espírito virado, provavelmente para coisas de natureza monetária, melhor dizendo do dinheiro fácil.

Este *dantesco* cenário faz com que a corrupção dite, como quer e lhe apetece, as leis que mais lhes convém; a excessiva impunidade que grassa nos corredores da justiça *fere de morte* a capacidade de gerir a chamada «coisa pública»; os carros de alta cilindrada adquiridos por um irreconhecível

² Entrevista feita a Alda do Espírito Santo, conduzida pela jornalista São de Deus Lima, concedida a «África 21», no ano de 2007, citada por Batê-Mon, Revista da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe (UNEAS) Abril de 2010.

³ “(...) Não acredito no petróleo. E temo-o porque por si só não vai desenvolver o país. Temos que agarrar a terra e olhar para o mar. Choca-me que um país arquipelágico viva de costas voltadas para o mar, ainda com pirogas ancestrais, sem barcos modernos. Não temos sequer condições de proteger as nossas costas, somos ilhas nuas”.

Entrevista conduzida pela jornalista São de Deus Lima, concedida a «África 21», no ano de 2007, citada por Batê-Mon, Revista da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe (UNEAS) Abril de 2010.

Estado⁴ cheio de “gordura” e outros artefactos fazem-nos viajar silenciosamente para uma arena labiríntica situada na clarabóia da fronteira da conhecida e alegre... *Alice no país das maravilhas*.

Os sinais exteriores de riqueza, que vivem lado a lado com a extrema pobreza, alimentam e parecem representar, também o subterrâneo poder da nossa vil ignorância no campo CULTURAL.

As elites políticas deste arquipélago continuam a *assobiar* para o *ar*, sempre que se encontram perante, algo que lhes *cheira* a aspectos relacionados com a... Cultura⁵ do país que lhes viu, um dia nascer.

Os museus são, em parte, os testemunhos mudos e os fiéis depositários de toda essa História que vimos narrando e descrevendo acerca da memória colectiva de um povo.

Entendemos que os museus surgem nas sociedades para darem alguma consistência ao *espólio* cultural da humanidade. Muitos museus têm uma «vida» que enumeram e nos relatam episódios da evolução de vários povos, ao longo da sua história.

“Casa-Museu”

O que é, de facto uma Casa-Museu?

Uma Casa-Museu tem a ver, na nossa opinião, com a perpetuação da memória de um cidadão que se tenha destacado em vida numa determinada área de uma dada sociedade.

Essa personalidade representa á partida um exemplo impar de perseverança, de dedicação, no enaltecimento e no engrandecimento da pátria.

A esse propósito, trazemos hoje uma proposta, inocente, discutível, talvez polémica – que no entanto, vale o que vale – sobre a criação de uma Casa-Museu na habitação onde viveu a senhora dona Alda do Espírito Santo.

Essa é uma casa emblemática situada no sítio de Chácara, que se encontra a degradar tal como alguns edifícios históricos do nosso país.

Não é favor nenhum reunirmos os parques(?) haveres deixados por essa gentil senhora, que sacrificou toda a sua juventude para que hoje, muitos de

⁴ “... Sinto uma grande desilusão com o país e não só, não foi isto que sonhei, há mesmo regressão. Mas conservo a esperança de que as gerações posteriores saibam erguer esse país que teve pessoas tão dignas e ilustres como Ayres de Menezes, Demóstenes de Almeida e vários outros.” Idem, entrevista conduzida pela jornalista São de Deus Lima.

⁵ Alda do Espírito Santo dizia com propriedade acerca da cultura, “... *Fernando pessoa afirmava que a sua pátria era a Língua Portuguesa e eu afirmo que a minha pátria é a Pátria da Cultura*”. Alda do Espírito Santo citada por Batê-Mon, Revista da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe (UNEAS), Abril de 2010.

nós estejamos regaladamente, sentados, gozando os benefícios da Liberdade e da Democracia plena que respiramos em toda a parte, onde se fala o forro, o lingu'ye, o angolar, o tonga, o crioulo e o português.

Chamada de atenção para os mais distraídos!

Esta é uma chamada de atenção para os mais distraídos que, provavelmente não conheçam o perfil dessa lady São-tomense, que disse, despidoradamente, um dia que, *“(...) eu direi que a cultura é que é a minha esfera e a minha casa, é pensando sobre as coisas da cultura que eu dou sentido à minha vida. À política tentei dar o meu melhor e lamento que a educação e a cultura não caminhem juntas para mudar as mentalidades”*⁶.

Passo a apresentar esta ilustre filha de São Tomé e Príncipe:

Alda Neves da Graça do Espírito Santo, de seu nome completo, nasceu a 30 de Abril de 1926 na cidade de São Tomé e faleceu no dia 9 de Março de 2010 em Luanda, República de Angola.

Originária de uma família aristocrática e católica São-tomense, ela era filha de João da Graça do Espírito Santo (1891-1944) e de Maria de Jesus Agostinho das Neves (1902-2001).

Notabilizou-se, a nível nacional, na escrita, na prosa, na poesia, no Ensino. Diplomada em Lisboa, com o curso do Magistério Primário, exerceu, anos a fio, a docência em São Tomé e Príncipe. Na política ela foi uma combatente e acérrima defensora da liberdade, tendo sido detida, por essa razão, na cidade de Lisboa, pela PIDE e levada para a prisão de Caxias, no ano de 1965.

Autora do Hino Nacional *“Independência Total”*, Alda Graça exerceu vários cargos, nomeadamente Ministra da Educação e Cultura, Ministra da Informação e Cultura, Presidente da Assembleia da República.

Outra faceta da sua vida prende-se com o cargo de Presidente da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe (UNEAS), por ela fundada em 1985. Foi também Presidente da Liga dos Escritores dos Cinco.

Ao nível internacional, no horizonte e na senda do antigo Império, ela integrou os movimentos emancipalistas das então colónias portuguesas, juntamente com personalidades sobejamente conhecidas, como, Noémia de

⁶ Entrevista conduzida pela jornalista São de Deus Lima, concedida a *África 21*, no ano de 2007, citada por Batê-Mon, Revista da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe (UNEAS), Abril de 2010.

Sousa, Mário Pinto de Andrade, Marcelino dos Santos, Vasco Cabral, Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Francisco Tenreiro.

As emoções e os sentimentos da Casa-Museu

Uma Casa-Museu é uma casa carregada de emoções, de sentimentos e de simbolismos. Ela é uma casa «normal» de habitação que se torna museu, mantendo a sua traça arquitectónica e toda a sua mobília original.

Naturalmente que os objectos de *uso pessoal* do residente devem fazer parte integrante do espólio dessa mobília original.

Existirá uma relação muito próxima do visitante da Casa-Museu, com a pessoa que lá viveu. O sentir e o pulsar das emoções vêm da visualização que o potencial visitante tem, ou passa a ter com o passado do inquilino da casa.

A interpretação, o cheiro, a ansiedade, a recordação e outros «nobres» sentimentos, vêm da sensibilidade de cada um de nós que transpuser a porta de entrada dessa Casa.

Ainda não temos no país, nenhuma Casa-Museu que nos sirva de referência, nem de modelo, para a concretização desse propósito. A ideia será, provavelmente original no sentido de criarmos uma Instituição nesse sentido, que mantenha viva a “presença” da homenageada.

Existem casas de personalidades São-tomenses que deveriam ser elevadas à essa categoria, tal o contributo que algumas figuras desempenharam em prol da nossa História. Estão nesse caso a Casa da família Graça na Trindade, a Casa de Marcelo da Veiga no Príncipe, a Casa do Sun Yana, na cidade-capital, entre outras.

Alda Neves da Graça do Espírito Santo é na nossa opinião uma heroína nacional e uma figura impar na página central da futura História do nosso *jovem* País. Toda a mobília e os mais *íntimos* pertences dessa gigantesca figura, nomeadamente quadros, livros, cartas, escritos, fotos e outros acervos, deverão estar, provavelmente intactos, nas mãos da sua família.

A concretização deste ambicioso projecto?

No nosso país é prática corrente pedir-se financiamento para tudo, nem que seja para se comprar um machim para capinar as pistas do aeroporto *internacional* de São Tomé ou o aeroporto *doméstico* do Príncipe. O machim é aqui referenciado como sendo uma figura caricatural que enferma, de facto, quase tudo que se pretende fazer, de credível, nesta República.

O que está em causa é, na verdade, o financiamento para uma obra de dimensão simbólica, cultural e social. Assim sendo, se o Estado não está em condições de o fazer, por razões várias – que não nos cabe aqui e agora escarpelizar – vamos todos partir à procura de formas de financiamento para a concretização deste projecto que é um desígnio nacional. Os nossos “irmãos” da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, que conhecem a obra da Alda Neves da Graça do Espírito Santo em prol dessa Comunidade, darão certamente *uma mão* nesse nobre projecto.

Vamos envolver os familiares, a população, a Câmara Municipal, os empresários (?) e, porque não, os nossos *compagnons de route* angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, portugueses, guineenses e timorenses.

Está, portanto, dado o mote.

Existirão no país muitas mais casas que poderão adquirir este estatuto. Será necessário começarmos a fazer inventários do espólio existente em cada uma das casas que possuam essa qualidade, recolhendo junto de familiares dos amigos e da própria vizinhança tudo que tenha a ver com a personalidade que se queira homenagear.

Entendemos que o pontapé de saída poderá ser dado com a presente proposta de criação da **Casa-Museu Alda do Espírito Santo**, essa senhora de que todos falam, mas que uma parte dos cidadãos, sobretudo os mais novos desconhece as suas façanhas face ao país e ao *espaço* consagrado a todos aqueles que se exprimem nessa língua comum, cuja matriz surgiu do Latim, transportada pelas antigas Legiões militares de Roma Imperial.

Nada melhor que terminar este pequeno texto com uma frase da referida e esclarecida senhora, que entende que a “(...) *Cultura com maiúscula significa solidariedade, um alargar de horizontes, que tendo em presença o universo nos voos que a ciência e a tecnologia têm alcançado...tem que ver também com os passos a percorrer pelos habitantes de cada canto do planeta.*

Para que um desconcerto total não seja o estrondo de uma música desconexa que nada tem a ver com o São Tomé e Príncipe que queremos para hoje e para amanhã.”⁷

Mãos à obra, caros compatriotas!!!

⁷ Discursando perante representantes da diáspora são-tomense. Extraído de Batê-Mon, Revista da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe (UNEAS), Abril de 2010